

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.

**SUMMARIO**:—*S. M. a Rainha D. Maria Amelia.*—QUESTÕES ACTUAES: *A Santa Sé e a França.*—DOCUMENTOS PONIFICIOS: *Motu Proprio de S. Santidade Pio X.*—ESCRITOS RELIGIOSOS: *Idea de Deus*, por D. Francisco de Noronha. —CONTROVERSAS: *Jesuítas e Liberaes* (continuação) por Um catholico.—FASTOS DA EGRÉJA: *S.*

*Pedro* (Principe dos Apostolos e primeiro Pontifice). —ESTULOS: *O uso do incenso.*—DE TUDO UM P. UCO.—RETRGSPECTO DA QUINZENA —BIBLIOGRAPHIA.

**Gravuras**:—*S. M. a Rainha D. Maria Amelia; Cadeira de S. Pedro em Antiochia; Deante da immensidade.*



S. M. a Rainha D. Maria Amelia

## S. M. a Rainha D. Maria Amelia

Occupa hoje o logar de honra na nossa revista o retrato da excelsa soberana de Portugal.

Deveras merecedora é S. Magestade de todos os nossos respeitos e sympathias e ainda da homenagem particular do jornalismo catholico, porque são bem conhecidas de todos nós as profundas crenças religiosas da rainha de Portugal, que, calcando todos os preconceitos sociaes, se não entibia de exhibil-as publicamente.

E' por isso que gostosamente depomos a seus pés este nosso singello preto, que por demasiado humilde não deixa comtudo de ser sincero, apresentando d'este modo á veneração dos catholicos portuguezes o perfil sympathico de tão magnanima quão bondosa princeza.

No mesmo tributo de homenagem vão d'envolta os nossos votos ardentes pela conservação da saude preciosa de S. Magestade, que oxalá o Céu mantenha por largos annos sob as suas benções protectoras.

### QUESTÕES ACTUAES

## A Santa Sé e a França

O facto mais importante que se deu ultimamente no mundo catholico foi o conflicto aberto entre a Santa Sé e a França por causa da visita do presidente Loubet ao rei Victor Manuel na cidade de Roma.

Já de ha muito que o governo francez com a sua feroz politica de exterminio ás congregações religiosas e de outros vexames á Egreja tinha por fito unico provocar qualquer questão com o Vaticano, por mais futil que fosse o pretexto.

Este ensejo achou-o na effectuada viagem de visita do seu chefe ao rei de Italia. Até ao presente desde a occupação de Roma pelas tropas de Garibaldi nenhum soberano catholico ousou ir á cidade eterna sem deixar primeiro de apresentar as suas homenagens ao Papa, porque o contrario seria approvar tacitamente o *statu quo* que mantém prisioneiro o Pontifice adentro do Vaticano.

Varios soberanos tinham ido a Roma e não deixavam pois de visitar o Papa em primeiro logar. Mas o actual chefe da nação christianissima, da França, qual titere movido por bem visiveis cordeis, quiz dar ao mundo esse triste espectáculo de injuria soez.

O magnanimo Pontifice Pio X sentiu duplamente a injuria por ella partir por parte do chefe da nação considerada como a filha dilecta da Egreja, e perdeu a, mas não pôde deixar de mostrar por meio d'um solemne protesto a grandeza da affronta, afim de não ficarem abertos precedentes para o futuro.

Pois isto foi motivo para a ruptura das relações amigaveis entre a Santa Sé e a França, e a retirada do ministro francez de Roma!

A attitude de Pio X n'este lance foi correctissima. Leão XIII, não obstante a sua especial predilecção pela França não deixaria de fazer o que fez o seu successor, porque isso seria abdicar solememente dos seus direitos seculares.

Pio X não foi d'uma intransigencia extrema em reivin-

dicar os seus direitos conculcados, porque ceder n'este passo era abdicar por completo do poder temporal.

A Italia, que conhece bem as razões d'esta intransigencia do Papado, poderia, se não quizesse melindrar o soberano Pontifice, receber os seus regios visitantes em outra cidade que não em Roma.

Entretanto, n'esta questão com a Santa Sé, a França tem tudo a perder, e só um espirito entenebrecido por cego sectarismo poderá levar a cabo tão funesto plano politico.

Parece, porém, que, pela não precipitação dos acontecimentos, os sectarios do *bloc* francez recuarão no tortuoso caminho encetado, salvo se uma cegueira completa não os desorientar de todo.

A proposito d'este incidente, alguns jornaes portuguezes, d'uma catholicidade suspeita, aventaram, constituindo isso quasi como uma campanha, a ideia da ida de el-rei D. Carlos a Roma afim de visitar o seu regio parente do Quirinal.

Este alvitre, para o qual a dita imprensa recebeu sem duvida lá de fóra o *mot d'ordre*, daria, se accaso fosse posto em pratica, os mais perniciosos resultados no nosso paiz.

Cremos, pois, que tudo isso não passará de assumpto de exploração jornalística, principalmente da mercantil, á mingua de assumpto mais palpitante para engodo de leitores, e cremos tambem que o soberano portuguez pelo seu superior criterio terá na devida conta as palinodias de taes jornalistas, não querendo com tal acto arrostar contra a crença profunda da quasi totalidade dos seus subditos.

### DOCUMENTOS PONTIFICIOS

## Motu Proprio de S. Santidade Pio X sobre a codificação do Direito Canonico

Desde que por um secreto designio da divina Providencia assumimos a missão de governar a Egreja universal, tivemos por objecto principal e, por assim dizer tomamos como lei restaurar tudo em Christo na medida das Nossas forças. Esta vontade Nós a expressamos desde as Nossas primeiras Cartas Encyclicas dirigidas por Nós aos Bispos do mundo catholico, e para este fim temos convergido até á hora presente todas as forças da Nossa alma; e para este proposito havemos tido o cuidado de ajustar todas as nossas emprezas. Porém comprehendendo claramente quão util é para a restauração em Christo a disciplina ecclesiastica, cuja boa disposição e estado florescente não podem deixar de produzir fructos abundantissimos, temos com uma sollicitude especial applicado a este objecto a Nossa intelligencia e o Nosso cuidado.

Seguramente, a Sé Apostolica, já nos Concilios Eumenicos, já fóra dos Concilios, não cessou jámais de fundar a disciplina ecclesiastica sobre leis excellentes, segundo as condições particulares das epochas e as necessidades dos homens. Porém as leis, ainda as mais sabias, se estão esparsas são facilmente ignoradas por aquelles a quem importam e não podem, por conseguinte, ser postas em vigor como convém. Afim de evitar este grave inconveniente e assegurar melhor a disciplina ecclesiastica, formaram-se varias collecções dos Santos Canones. Sem fillar dos auctores demasiado antigos, julgamos util recordar aqui a Graciano, que em seu celebre *Decreto* se propõe não só reunir em um só corpo os santos Canones, senão tambem unil-os entre si e harmonisal-os. Depois d'elle, Innocencio III, Honorio III, Gregorio IX, Bonifacio VIII, Clemente V e João XXII, Nossos predecessores, imitando a obra de Justiniano com o Direito romano, formaram e publicaram collecções authenticas de Decretos; e d'estas tres ul-

timas collecções e do Decreto de Graciano se compõe principalmente o que hoje se chama *Corpo do Direito canonico*.

Havendo o Concilio de Trento e a promulgação das novas leis tornado insufficiente este conjuncto, os Pontifices romanos Gregorio XIII, Sixto V, Clemente VIII e Benedicto XIV consagraram os seus esforços, já para preparar novas edições do *Corpo do Direito canonico*, já a constituir outras collecções de santos Canones, ás quaes viéram unir-se recentemente as collecções authenticas dos decretos de certas congregações romanas.

Mas, se estas obras tem facilitado elementos para diminuir as difficuldades, segundo as circumstancias, sem embargo não correspondem sufficientemente a todas as necessidades. As mesmas dimensões das collecções constituem um obstaculo apreciavel, havendo apparecido durante seculos leis muito numerosas accumuladas em muitos volumes. Um certo numero, accomodadas ás epochas em que fôram promulgadas, tem sido derogadas ou cahido em desuso, e algumas, por causa das modificações produzidas pelas circumstancias dos tempos, se tornaram de applicação difficil ou de menor utilidade para o bem commum das almas.

Alguns dos nossos predecessores tiveram cuidado de remediar estes inconvenientes no que diz respeito ás diversas partes do Direito que eram de uma necessidade mais urgente. Foi isto o que fizeram sobretudo Pio IX e Leão XIII, de santa memoria. O primeiro, com a Constituição *Apostolica Sedis*, reduziu as censuras *latae sententiae*; o segundo mitigou, pela Constituição *Officiorum et munerum* as leis concernentes á publicação e censura dos livros; e pela Constituição *Conditae a Christo* estabeleceu as regras para as Congregações religiosas de votos simples.

Porém illustres pastores da Igreja, e até grande numero de Cardeaes, pediram vivamente que todas as leis ecclesiasticas promulgadas até aquella epocha fossem reunidas em um só corpo e classificadas em uma ordem clara, que se separassem as que haviam sido derogadas ou haviam cahido em desuso, e que outras, nos pontos em que fôsse necessario, se adoptassem melhor ás necessidades da epocha; varios Bispos formularam a mesma petição no Concilio do Vaticano.

Approvando estes desejos mui legitimos e acolhendo-os gostosamente, havemos concebido o projecto de realisal-os por fim; porém, como não ignoramos de maneira alguma quaes sejam a extensão e o peso d'esta empreza, por Nosso proprio impulso, de sciencia certa, e depois de madura reflexão, resolvemos e ordenamos realisar o seguinte:

I.—Estabelecemos um Conselho, ou como se disse, uma *Commissão pontificia*, á qual serão confiadas a direcção e o cuidado de todo este assumpto. Compôr-se-ha de varios Cardeaes da Santa Igreja Romana, que deverão ser designados nominativamente pelo soberano Pontifice.

II.—Este Conselho será presidido pelo mesmo Soberano Pontifice e na sua ausencia pelo Decano dos Cardeaes presentes.

III.—Haverá, além d'isso, um numero conveniente de Consultores, que os Padres Cardeaes elegerão, com a approvação do Soberano Pontifice, entre os homens mais competentes em materia de Direito Canonico e de Theologia.

IV.—Queremos que todo o Episcopado preste o seu apoio e o seu concurso a esta obra importantíssima conforme as regras que se exporão em tempo opportuno.

V.—Quando esteja estabelecido o plano que haja de seguir-se em semelhante trabalho, os Consultores prepararão a materia e emittirão o seu parecer ácerca d'elle nas reuniões presididas pelo Cardeal que o Pontifice tenha designado como Secretario. Em seguida os Padres Cardeaes se entregarão a um serio exame sobre os trabalhos e jui-

zos dos Consultores. Emfim, todos os resultados serão submettidos ao Soberano Pontifice, para ser revestido com approvação regular.

As decisões que fizemos conhecer por esta carta, queremos que sejam ratificadas e confirmadas, não obstante todas as clausulas em contrario, ainda as julgadas dignas de menção especial ou muito especial.

Dado em Roma, junto a S. Pedro, no dia 19 de março, na festa de S. José, Esposo da Bemaventurada Virgem Maria, primeiro anno do Nosso pontificado.

PIO X PAPA.

ESCRITOS RELIGIOSOS

## Idéa de Deus

Póde haver idéa sem fundamento, isto é: idéa de alguma coisa inconcebivel?

Só na mente de Luiz de Camões existiu o gigante Adamastor; mas, entretanto, a idéa de semelhante figura inverosimil nada apresenta de inconcebivel em seus accessorios.

O Adamastor teria cabeça, braços e pernas; e por mais monstruosa que houvesse sido a concepção do epico immortal ficaria nos elementos pelo menos, dentro de orbita de realidades.

Se ha, pois, idéa do que não existe e nós temos idéa de Deus é porque existe Deus.

Tenho lido alguns auctores que affirmam a existencia de povos que não revelam a mais simples noção de Deus: confesso porém não haver encontrado provas bastante solidas na exposição dos mesmos auctores para pôr de parte o argumento da universalidade com referencia á idéa de Deus.

Póde ter acontecido a mais de um navegador e viajante não comprehender a algaravia de selvagens com os quaes estivesse em contacto e bem assim não conseguisse igualmente fazer-se entender por elles; mas que os quadros da Natureza tenham deixado ficar alguém com os olhos do espirito cerrados em relação á força dominadora julgo impossivel.

Não chegam as nossas faculdades a ponto de definir com precisão quem é Deus; quanto mais avançam, todavia, no caminho das descobertas scientificas e das deslumbrantes afirmações cathoricas, mais se impõe o reconhecimento de um suprêmo engenheiro ordenador, causa primordial dos phenomenos, fonte eterna das leis.

Deus não é portanto a idéa de alguma coisa inconcebivel, sem fundamento; é a mais palpitante das realidades e a mais evidente das verdades.

Pela percepção interna e pela percepção externa nos elevamos até Deus, eôr dos sêres e luz de toda a luz.

Atomos e moleculas, isolados a principio, e depois, guiados por cega fatalidade á combinação admiravel de corpos, á disciplina surprehendente de movimentos mathematicos, ao delirio da magestade e de procreação no infinitamente grande e no infinitamente pequeno, é uma insensatez de demencia, uma loucura de desvarado, um perfeito absurdo.

Não é justo negar o obscuro de uma causa sem causa, de um ente sem progenitor: a verdade, comtudo, é que se penetrassemos o mysterio de Deus seriamos eguaes a Deus.

Além d'isto, entre o obscuro e o absurdo parece-me não haver motivo para se hesitar.

Será obscuro Deus; mas prescindindo de Deus, quem marcaria a cada astro a respectiva orbita de revolução, a cada systema a sua periphéria inalteravel, ao Universo a linha geral de equilibrio?

Será obscuro Deus; mas prescindindo de Deus, como se manifestaria a vida?

Passar por virtude espontanea de ser material, sem movimento proprio ao phenomeno vital que as plantas arremedam simplesmente, é mais que obscuro, é absurdo no rigor da palavra.

Do mesmo modo, passar do mundo palpavel, de factos positivos, para um mundo invisivel, para factos imponderaveis resumidos na idéa de Deus, sem a tão alta idéa corresponder o ente seria grandissimo absurdo.

Logo, da idéa de Deus podemos concluir a sua existencia real.

Todos os argumentos com que se pretende negar a existencia de Deus sossobram perante esta lei: não ha phenomeno sem causa.

Applicando á idéa de Deus, tem lugar o seguinte raciocinio: a idéa de Deus, como phenomeno tem a sua causa que é o proprio Deus, summa realidade.

Aflige-nos a obscuridade que a envolve até certo ponto, mas não podemos duvidar do que se impõe á razão clara deduzido de factos que proclamam sem rodeios a existencia de Deus.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

CONTROVERSIAS

## Jesuitas e Liberaes

XIV

### Recelos e Previsões

Ha quem tenha um grande medo dos Jesuitas. Estes, para algumas pessoas, são os maiores criminosos do mundo e todos os seus contractos não passam de burlas, de enganos e de traições.

Nós, confessamolo ingenuamente, não temos o minimo receio de taes homens.

Quem nos obriga, ou quem obriga qualquer cidadão a ter com elles conversas, relações ou contractos?

São incapazes de pagarem o que devem? Ninguem lhes empreste dinheiro nem venda objectos sem dinheiro á vista ou paga adiantada.

As suas predicas podem ser prejudiciaes? Ninguem nos obriga a irmos ouvir as. Quem vai ouvi-las, de certo o faz muito voluntariamente. E os chefes de familia podem prohibir, que os seus subordinarios as escutem.

Podem perverter as esposas, as irmãs, as filhas e até as creadas de quaesquer cidadãos? Ninguem obriga estes a admittil-os em casa nem a terem com elles as minimas relações.

Podem nas confissões perverter as donzellas inexperientes, as esposas virtuosas, as creanças timidas e os mancebos ingenuos? Os maridos, paes e os tutores podem perfeitamente evitar, que os seus familiares se ajoelhem aos pés dos jesuitas no tribunal de penitencia.

Annuladas, por estes e outros meios, todas as tentativas de seducção, roubo e suborno, que possam praticar os jesuitas, o que haverá, que d'elles se possa temer?

Ninguem ainda viu quaesquer jesuitas de punhal á cinta, de bacamarte ao hombro ou de pistola engatilhada, entrando pelas habitações, obrigando os cidadãos a entregarem-lhe os seus haveres ou a fazerem-lhes quaesquer doações. E, se tal acontecesse, commetteria um crime, pelo qual seriam julgados nos tribunaes respectivos e todos os contractos, que elles fizessem ficariam nullos.

Mas, em geral, quem falla dos roubos, dos crimes e de outros actos illicitos dos jesuitas?

São aquelles individuos, cujas consciencias (se as tivessem) deveriam estar cheias de remorsos.

Mas para taes individuos todos os actos são licitos,

são dignos de elogios, são até muito engraçados, e os que são taes, como esses individuos, fallam pouco mais ou menos n'estes termos:

Pregam *calotes*? (Desculpem o termo ultra-familiar). E' bem feito! Não tivessem sido papalvos os que lhes emprestaram o dinheiro. Quem lhes venden fiado, tivesse tido mais cautela. Esses e outros factos, que sirvam de lição aos logrados e a outras pessoas, para que não se deixem lograr.

Fazem esses *heroes* um contracto qualquer, que é uma perfeita burla? Compraram por dez o que valia vinte? Aforaram por 1:200 reis annuaes um trato de terreno, em que depois apuraram alguns contos de reis? Mostram que são homens finos e expertos; que sabem cuidar dos seus interesses; que tratam de se arranjar e que faça o mesmo quem tem inveja e que, emquanto alguns parvos se deixam comer, os ajunizados vão comendo.

Prostituem as esposas dos seus amigos, as filhas d'estes, as creadas proprias ou alheias e até algumas pessoas da propria familia?—E' melhor não fallar em tal. Tudo são fraquezas da humanidade. Ninguem tem nada com as vidas alheias. Mostram esses *heroes*, que são uns grandes pandegos, uns homens de bom gosto e quem tiver mulheres, filhas, irmãs, sobrinhas e creadas, que tenha juizo, que as guarde, que se acutelle, que não lhes dê occasiões de se deixarem levar na corrente da prostituição.

Parece-nos, pois, que é muito mais facil o evitarmos os abusos e os crimes dos jesuitas, do que as traições, os roubos e os contractos simulados de certos individuos, que fallam e escrevem contra os jesuitas e que são mais perigosos do que elles.

E são mais perigosos, porque dos jesuitas todos nós poderemos afastar-nos e de taes *heroes* nem sempre nos poderemos libertar nem livrar.

Elles ameaçam as pessoas, que não cedem ás suas imposições. Insultam nos jornaes, quem não lhes dá o dinheiro, que elles exigem. Promettem, e faltam constantemente ao que prometteram e raros são os cidadãos honrados e serios, que por taes *heroes* não sejam logrados.

Como dissemos, não queremos com isto dizer, que não existam alguns jesuitas, indignos do habito, que vestem. Mas porque alguns são maus, não se segue, que todos o sejam.

Em sabemos, que os crimes, os erros e os abusos dos inimigos dos jesuitas, não justificam os erros de alguns dos filhos de Santo Ignacio de Loyola.

Mas, se é verdade, que, segundo o proverbio, o erro de Pedro não justifica o de Paulo, tambem é certo, que quem tem telhados de vidro não atira pedras aos dos vizinhos. E, no entanto, apesar dos grandes crimes, imputados e apontados aos jesuitas, não se tem visto, que estes, por isso, estejam sob os ferros, sejam chamados aos tribunaes, se sentem nos bancos dos reus, ou vão degradados, ou sejam poucas para elles as priziões cellulares!

Chamam lhes criminosos e ninguem prova os seus crimes. E' verdade, que alguem diz, que os jesuitas tem artes e finuras taes, que ninguem póde provar juridicamente os crimes, que constantemente commettem.

Havemos, porém, de reconhecer, que muito mais finura têm os inimigos dos jesuitas e certos escriptores, visto que tiveram, e continuarão a ter a habilidade de descobrirem crimes, que os mesmos jesuitas não poderam encubrir.

E, se estão descobertos esses crimes, porque não accusam os reus nos tribunaes, para soffrerem o castigo em conformidade com as leis?

Descobrir crimes e não proval-os, ou é muita incoherencia, ou muita benignidade, ou muita falta de coragem.

(Continua)

UM CATHOLICO.



FASTOS DA EGREJA

## S. Pedro

(Príncipe dos Apóstolos e primeiro Pontífice)

Esta figura grandiosa do Christianismo, cognominada o Príncipe dos Apóstolos, doura com a rutilancia magestosa do seu vulto os primeiros alvares da nova era.

Com effeito, este homem extraordinario perpassa nos primordios da Igreja nascente, semelhando um ente mais que humano, marcado pelo sello divino com o signal da mais gloriosa predestinação.

Pedro, pobre pescador da Galileia, nascido em Bethsaida no anno 10 antes de Christo, appareceu pela primeira vez ante Jesus que logo lhe disse ao vê-lo: Tu és Simão filho de Jonas, mas d'aqui por deante has de chamar-te Cephias que quer dizer pedra ou rochedo.

Estava assim feita a vocação de Pedro, a futura pedra fundamental da Igreja. D'aqui por deante foi elle um companheiro inseparavel de Jesus. Como prova da extrema sinceridade da crença de Pedro e da especial preferencia de Jesus pôdem citar-se a phrase «pescador de homens» que o Salvador lhe dirigira, e a passagem memoravel do Evangelho de S. Matheus que resa assim:

«E veio Jesus para as partes de Cesarea de Philippe e fez a seus discipulos esta pergunta dizendo: Quem dizem os homens que é o Filho do homem?»

E elles responderam: Uns dizem que João Baptista, mas outros que Elias e outros que Jeremias, ou algum dos prophetas.

Disse lhes Jesus: E vós quem dizeis que sou eu?

Respondendo Simão Pedro, disse: Tu és o Christo, filho de Deus vivo.

E respondendo Jesus, lhe disse: Bemaventurado és Simão filho de Jonas: porque não foi a carne e sangue quem t'o revelou, mas sim meu Pai que está nos Céus.

Tambem eu te digo que tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ella,

E eu te darei as chaves do reino dos Céus. E tudo o que ligares sobre a terra será ligado tambem nos céus: e tudo o que desatares sobre a terra será desatado tambem nos céus.»

Depois, foi elle ainda uma das tres testemunhas da transfiguração no Thabor, e foi tambem a Pedro que Jesus concedeu o encontrar o stater que serviu para pagar o tributo a Cesar.

Foi a elle mais a João que Jesus encarregara dos preparativos da Paschoa, e n'esse banquete não quiz o Apóstolo que o Salvador lhe lavasse os pés. Acompanhou-o ainda ao jardim das Oliveiras e ali na defeza do Mestre chega a desembainhar a espada; mas a fraqueza humana venceu-o, quando negou Jesus, o que logo lhe provocou o mais sincero arrependimento e contrição.

Depois da sua Resurreição, Jesus ainda procurou intencionalmente a Pedro á beira do mar, quando alguns discipulos se preparavam para pescar. A seguir a uma pesca milagrosa, perguntou Jesus a Simão Pedro: Simão, filho de João, tu amas-me mais do que estes? Elle lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

Perguntou-lhe outra vez: Simão, filho de João, tu amas-me? Elle lhe respondeu: Sim, Senhor, tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta os meus cordeiros.

Perguntou-lhe ainda terceira vez: Simão, filho de João, tu amas-me? Ficou Pedro triste porque á terceira vez lhe perguntara: tu amas-me? e respondeu-lhe: Senhor, tu conheces tudo; tu sabes que eu te amo. Disse-lhe Jesus: Apascenta as minhas ovelhas.»

Depois da Ascensão de Jesus, Pedro, de volta em Jerusalem, propoz a eleição de Mathias em substituição do discipulo traidor, e já com o dom das linguas concedido pelo Espirito Santo convertia as massas do povo, e, a exemplo do Mestre, curava milagrosamente os enfermos, como o paralytico Eneas em Lyddo e a resurreição de Joppo em Tabettha.

No anno de 44, S. Pedro foi preso por ordem de Herodes Agrippa que já havia mandado matar S. Thiago Maior, mas na vespera do dia marcado para o supplicio viu o Apóstolo a porta do carcere aberta por um anjo, e, sahindo de Jerusalem, foi para Antiochia.

Por fim dirigiu-se a Roma nos principios do reinado de Nero, indo viver para o arrabalde de Transtevere. Havendo este imperador ordenado a prisão de S. Pedro e S. Paulo, o Príncipe dos Apóstolos sahi da cidade pela porta chamada hoje Santa Maria *ad passus*. N'esta occasião conta a tradição que lhe apparecera Jesus profundamente triste, perguntando lhe então S. Pedro:

—Aonde vaes (quo vadis) Mestre?

—A Roma ser de novo crucificado...

Esta resposta e a vista de Jesus contristado abalara tanto o Apóstolo que entrara de novo em Roma resolvido a soffrer todos os tormentos.

Esta poetica tradição serviu de thema ao celebre romance historico *Quo Vadis* do insigne escriptor polaco Henrique Sienkiewicz, onde o vulto sublime de S. Pedro apparece aureolado da mais suave poesia.

Sendo então preso, foi levado para a prisão Mamertina, onde esteve durante nove mezas, e por ultimo suppliciado, permittindo-se lhe como uma graça extraordinaria que fosse crucificado com a cabeça para baixo, porque o Santo se julgou indigno de ser posto na cruz como o Divino Mestre.

De S. Pedro restam duas Epistolas, uma datada da Igreja que está em *Babylonia*, que segundo a interpretação de varios escriptores ecclesiasticos quer dizer Roma, e outra datada d'esta cidade no anno 64.

## ESTUDOS

## O uso do incenso

Uma das verdades ensinadas ao homem por Deus e que havia de formar parte indispensavel das relações sobrenaturaes entre o Creador e a creatura, é a obrigação em que esta se acha de offerecer sacrificios á Divindade não só em seu nome mas ainda no de toda a natureza, pois sendo o homem o rei da criação e o unico ser do mundo visível capaz de conhecer o Creador, justo era que offerecesse ao Senhor oblações e sacrificios em reconhecimento do supremo dominio que Deus tem sobre todos os seres.

E' isto o que significamos com a palavra sacrificio: «Offrenda feita ao Creador de uma cousa que se destroe em sua honra para reconhecer o seu dominio soberano sobre todas as creaturas.» De tal maneira se havia arraigado este sentimento no coração do homem, que até os povos que mais se apartaram da divina revelação, conservaram com mais ou menos perfeição esta primitiva ideia, e de um ou outro modo todos offereceram sacrificios á divindade. Assim vemos que os povos agricolas offereciam a Deus os fructos da terra; os errantes o leite das suas manadas, os caçadores a carne dos animaes, etc.

E' digno, porém, de notar-se que com o sacrificio da cousa offerecida se uniam varias outras para tornar mais acceita a offerenda, e entre ellas iam indefectivamente materias odorificas e aromaticas, e sobretudo o incenso; não se fazia oblação alguma a Deus que não subisse ao alto envolta em nuvens de tão oloroso perfume.

E se quizermos encontrar a origem de offerecer ao Senhor os sacrificios envoltos em perfumes, é necessario que retrocedamos muitos seculos antes da vinda do nosso Redemptor. Pelo menos devemos remontar até ao começo da lei mosaica e transportar-nos ao monte Sinai, e alli veremos como Deus ordena ao seu servo Moysés que «para uso exclusivo do Santuario confeccionasse um perfume composto de myrrha, onyx, galbano e incenso do mais transparente,» e uma das occupações dos sacerdotes da lei antiga era queimar o incenso de manhã e á tarde no altar dos perfumes que estava deante do Santuario. N'este santo exercicio se occupava S. Zacharias quando o Archanjo S. Gabriel lhe appareceu em forma sensível, e da parte de Deus lhe annunciou que sua mulher daria á luz um filho.

Por isso a Igreja Catholica, ao ordenar o uso do incenso em seu sempre venerando culto, não fez mais que pôr em pratica, em tempo da lei evangelica, aquillo que muitos seculos antes estava decretado e se praticava na lei antiga, e aquillo que o mesmo Salvador approvou com seu exemplo em varios passos da sua vida, e, sobretudo, inspirando aos Reis magos, que lhe offereceram incenso como offrenda agradável aos seus divinos olhos. Demais, podemos assegurar que os christãos offereciam ao Senhor o divino e incruento sacrificio no meio de nuvens de incenso desde a origem da nossa santa religião, e que não havia acto algum religioso em que não se fizesse uso do incenso.

Os chamados *Canones Apostolicos*, a *Liturgia de Compostella* e outros mais,—que se podemos duvidar da sua authencidade, não nos é licito negar a sua muita antiguidade, porque remontam a epochas muito remotas offerecem-nos claros e evidentes testemunhos do antiquissimo uso do incenso no culto christão. Além d'estes antigos testemunhos temos muitos outros authen-

ticos e de não menor antiguidade, mas que por brevidade nos contentaremos com citar um ou dois, sufficientes para o nosso fim.

S. Hypolito, que vivia nos começos do seculo III, diz-nos em seu livro *De consummatione mundi*: «As egrejas derramam, e com justa rasão, muitas lagrimas porque não se offerecem nem oblações nem perfumes;» e no seculo IV dizia S. Ephren: «Queimae incenso no santuario, mas fazei os meus funeraes com orações; offerecei perfumes a Deus e a mim dae-me Psalmos.»

Não podemos, pois, duvidar de que os perfumes e sobretudo o incenso se usou sempre no culto christão; e que tão piedosa pratica fosse agradável á Magestade Divina mais de uma vez o deu a entender o Senhor com milagres. De si mesmo disse S. Ambrosio a este proposito: «Quando offerecemos o sacrificio, incensamos o altar, e rogo a Deus que o Anjo do Senhor se mostre a nossos olhos, como se deixou ver a Zacharias; porque na verdade, o Anjo de Deus sempre está presente.» Era tambem universal o uso do incenso nos sagrados mysterios, e o seu uso se tinha por tão indispensavel, que no Concilio de Chalcedonia se queixaram de que o Patriarcha de Alexandria, Dioscoro, empregara mal os bens legados aos pobres por uma senhora e não fizera uso de incenso nos funeraes que por tão piedosa christã se haviam celebrado.

O acto de offerecer incenso teve-se sempre como muí digno de veneração, e por isso mesmo somente o offerecia o sacerdote ou o diacono, e este em ricos e preciosos vasos de diversas formas, ainda que a mais geral se assemelhava a uma urna, para que, pegando n'ella o sacerdote pela base, podesse commodamente leval-a em torno do altar. Esta urna ou vaso tinha na tampa uma multidão de pequenos orificios para dar passagem ao fumo do incenso. Os nomes d'estes vasos tambem foram varios como a sua forma, até que esta veio a ser o que hoje é, e o seu nome o de *incensario* ou *thuribulo*.

Apenas Constantino acabou de edificar a Igreja de S. João de Latrão, presenteou-a logo com varios objectos e entre outros com dois incensarios de ouro puro do pezo de 30 libras, e outro de 15 enriquecido com innumeradas pedras preciosas. Tambem se conta que o rei persa Kosroes offereceu á igreja de S. Sergio um incensario de ouro em acção de graças por haver tido um filho por intercessão d'este Santo. Ainda podiamos citar não poucos casos da antiguidade de incensarios preciosos offerecidos ás egrejas por illustres personagens.

O ser tão antigo, constante e universal na Igreja o uso do incenso foi isso devido á veneranda e respeitavel significação mystica que elle tem nas ceremonias religiosas. Com effeito, além de ser um verdadeiro holocausto o acto de queimar-se em honra de Deus, e com elle confessarmos que todas as creaturas devem ser empregadas em honra e gloria sua, o incenso queimado no altar é imagem de nosso divino Salvador, que offerecido ao Eterno Padre desde a ara santa se estende como o incenso com suas graças e dons por todo o espaço do mundo e penetra nas almas dos fieis, a quem faz exhalar exquisito olor de virtudes christãs. D'aqui provém não duvidarem os Santos Padres affirmar que «o incensario representa a humanidade de Jesus Christo, o fogo a sua divindade e o vapor de perfume a sua divina graça», e ainda que «o incensario é como o corpo do Senhor, e o incenso como este mesmo corpo offerecido em sacrificio pela salvação do mundo, e recebido como um suave perfume pelo Pae celestial.»

Assim, o incenso foi sempre considerado como o symbolo de nossas orações, pois assim como o seu perfume



### Deante da immensidade

em rasão da subtilidade se eleva sobre os outros corpos, assim tambem as nossas supplicas e petições, animadas pelo fogo do divino amor, sobem até ao throno de Deus purificadas das affeições terrenas, e por isso diz a Igreja ao offerecer o incenso: «Fazei Senhor, que a minha oração suba até Vós como este incenso.» Finalmente, o incenso representa as orações dos santos que já gozam de Deus, na eterna bemaventurança, consoante diz S. João no Apocalypse: «Os anciãos se prostaram perante o Cordeiro, tendo cada um... taças de ouro cheias de perfumes que são as orações dos santos.»

Segundo vemos em muitos logares da Sagrada Escripura o incenso reputou-se sempre como signal de consideração e honra, e d'ahi o incensar o altar que representa a Jesus Christo; o sagrado livro dos Evangelhos, que contém a palavra de Deus; as reliquias dos Santos e suas imagens, ás primeiras por ser preciosos restos de membros principalissimos de Christo, e a es-

tas por ser representações de aquelles; aos ecclesiasticos por ser ministros de Jesus Christo e dispensadores de seus mysterios, e por ultimo se incensa aos reis e principes, porque, procedendo de Deus toda a auctoridade, n'elles se honra a imagem d'aquelle que é Rei de reis e Senhor dos que dominam. De sorte que a incensação, como tudo quanto a Igreja pratica em seu sublime e grandioso culto, remonta ao ultimo termo a quem é devida toda a honra, imperio e gloria, que é Deus.

Veja-se, pois, quão sabiamente andou a Igreja, a nossa Mestra, adoptando o uso do incenso para seu unico e incruento Sacrificio do Altar e para as demais ceremonias religiosas.

(Trad.)



DE TUDO UM POUCO

## O lyrio

Se a lei sálica estivesse abolida no reino das flores, como na botânica de Salomão, o lyrio occuparia o throno da rosa.

O lyrio tem a seu favor a suavidade do perfume, a magestade da haste, o esplendor da pura brancura, a graça da corolla: elle reinava nos biblicos jardins de Sarous, no meio de todas as bellas flores que o sol do Oriente faz brotar.

Salomão dizia, vendo o lyrio de Sarous:

—«Com todo o meu poder, eu nunca poderia egualar tua belleza.»

Virgilio, o poeta amigo das flores, dava como ornato ás pastoras de Tibur ramalhetes de lyrios, e faz Octavio derramar lagrimas, dizendo-lhe:

—«Lançae lyrios ás mãos cheias sobre a campã de um heroe.»

Outro poeta disse:

—«O lyrio é bello, porque nossa mãe Cybelle, filha de Saturno, deu-lhe a brancura divina com seu leite maternal.»

Um poeta moderno, celebrando as delicias do mez de maio, escreve:

—E' o mez dos encantos. A aurora prodigalisa suas lagrimas, e as mulheres irmãs dos lyrios e das rosas ajuntam-se ás flores.

Cantado pelo filho de David e pelos poetas pagãos, o lyrio tornou-se o emblema santo da pureza christã.

Os pintores de Florença semearam os lyrios sobre todos os seus quadros das madonas, e os altares ornaram-se d'esta flor em todas as festas celebradas em honra de Maria Santissima.

Emfim, nenhuma flor tem mais titulos de nobreza.

### Calendario:

Julho
1
1904

Descobrimto da ilha da Madeira por João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, em 1419.

Parece que, segundo as eruditas investigações do sabio inglez Henry Major, esta ilha já tinha sido visitada pelos navegadores portuguezes no reinado de D. Diniz e D. Affonso IV sob o commando dos capitães genovezes que estes reis mandaram vir da Italia.

O que nos diz, porém, o chronista João de Barros é o seguinte: Encontrada a ilha de Porto Santo em 1418, voltaram alli Gonçalves Zarco e Tristão Vaz acompanhados por Bartholomeu Perestrello. Preoccupava-os uma constante cerração que viaz no horisonte e que era formada pelos vapores que se exhalavam das densas florestas da Madeira.

Foi no dia 1 de julho de 1419 que sahiram de Porto Santo Gonçalves Zarco e Tristão Vaz, e se dirigiram para a ilha da Madeira, abordando-a. Em recompensa dos servigos prestados pelos navegadores fez el-rei fidalgo da sua casa a João Gonçalves Zarco, que accrescentou aos seus appellidos o de Camara, tomado do sitio de Camara de Lobos, e dividiu a ilha da Madeira em duas capitánias, dando uma, a do Funchal, a João Gonçalves Zarco, e a outra, a de Machico, a Tristão Vaz Teixeira.

Proseguiu com grande rapidez a colonisação da ilha; o infante D. Henrique mandou vir d'ella para o reino grande quantidade de madeira. A fertilidade do solo da Madeira foi maravilhosamente aproveitada pelos colonisadores, e principalmente pelo infante, que mostrou o maior empenho em fazer prosperar a ilha, que estava sob a jurisdicção da

sua predilecta ordem de Christo. Mandou ir da Sicilia a canna do assucar que tanto prosperou n'essa terra virgem, e da ilha de Chypre as famosas cepas de Malvasia que deram origem ao famoso vinho da Madeira.

Dentro em pouco estava florescentissima esta ilha.

### Curiosidades:

O Papa Valentino só viveu 40 dias depois da sua eleição; Leão V, outros 40; Adriano V, 38; Anthero, 30; Leão XI, 27; Pio III, 26; Damaso II, 23; Marcello II, 22; Theodoro II, 20; Sisinio, 20; Celestino IV, 16; Bonifacio VI, 15; Urbano VII, 12; Estevam II, 3. Sommas das vidas d'estes Papas após a sua eleição não chegam todas a encher 11 mezes!

### Notas de sciencia:

Diversos auctores admittiam já ha tempos que o tabaco não deve os seus principaes effeitos toxicos á acção da nicotina, pois estava averiguado que taes effeitos não são proporcionaes á riqueza nicotinica, havendo tabacos muito venenosos contendo pouca nicotina e vice-versa. Fränk-l communicou ha pouco á sociedades das sciencias de Vienna, em abono de taes ideias, que conseguira obter do tabaco uma substancia opalescente, muito odorifera, que julga ser a materia toxica e ao mesmo tempo a que dá o aroma caracteristico á planta.

Infelizmente o tabaco sem essa substancia perde as qualidades que os fumadores exigem.

### Pensamentos:

Maria é o refugio dos que pretendem escapar-se da ira de Deus.—*S. Alberto Magno.*

Maria é o valle aromatisado pelos lyrios de todas as virtudes.—*S. Ahanazio.*

A Mãe de Deus é o modello sem mancha de toda a pureza e virgindade.—*S. Gregorio Thaumaturgo.*

Maria é um abysmo de milagres; a profundeza de suas glorias nem os anjos devassam.—*S. João Chrysostomo.*

Maria é o espelho clarissimo de Deus nunca embaciado com peccado original.—*B. de Busto.*

Maria, aurora dos dias felizes, o goso das virgens.—*S. Boaventura.*

### Versos escolhidos:

#### Visão celtica

Quem és tu, oh mulher, cuja belleza  
Offusca os astros lá no firmamento?  
Tu quem és? Não me deixes na incerteza  
Nem fatigues meu debil pensamento.

Formosa entre as formosas, a pureza  
Se lê em tua fronte, e é meu intento  
Da duvida sahir: que a natureza,  
Ai! nunca produziu egual portento!

Não sei quem sejas; mas teu doce olhar  
Captou minha alma e fez-me ajoelhar,  
Curvado n'uma santa adoração.

Já te entrevi, não me recordo aonde...  
Oh! dize-me quem és, em fim responde...  
—*Eu sou a Immaculada Conceição.*

VICENTE NOVAES.

### Humorismos:

A meza d'um hotel estavam varias pessoas sentadas, e entre estas um sacerdote.



Um gracioso, querendo fazer espirito, soltou esta exclamação imbecil:

—Se eu tivesse um filho idiota por força havia de fazer o padre...

Ouvindo isto, respondem o sacerdote com toda a bonhomia.

—Pois já seu pae não era da mesma opinião...

#### RETROSPECTO DA QUINZENA

Com a maior imponencia decorreram as festas celebradas em Braga afim de celebrar o quinquagintenario da definição dogmatica da Immaculada Conceição.

Para darmos uma pallida ideia do que fôram estes festejos, vamos reservar todo o presente retrospecto. D'este modo, ainda que singelamente, ficará archivado na nossa revista um relato breve mas particularizado de tão brilhante manifestação a Maria Immaculada.

#### No dia 10 (Sexta feira)

Principiaram os grandes festejos pela

##### Missa solemne

na igreja da Sé em honra do Sagrado Coração de Jesus. A's 11 horas da manhã teve principio a solemnidade a grande instrumental pela capella dos snrs. Esmerizes, com a assistencia dos Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Snrs. Arcebispo Primaz e Bispos de Vizeu, Portalegre, Guarda e Bragança:

Cantou a missa o rev.<sup>mo</sup> Mgr. Francisco Xavier da Cunha.

Ao offertorio subiu ao pulpito o eloquente orador sagrado rev.<sup>o</sup> Padre Campo Santo. Foi um soberbo e magistral discurso a oração do distincto orador sagrado.

O templo ostentava uma riquissima decoração.

##### A academia

A academia solemne em honra da Virgem Immaculada realisou-se no vasto templo do Seminario, que se transformara, para este fim, em salão.

No fundo do templo, na capella-mór, erguia-se magestosamente um throno á Virgem. Do lado do Evangelho, quasi a todo o comprimento do corpo da igreja, levantava-se uma tribuna destinada aos Prelados, oradores, auctoridades e pessoas de elevada posição social. Em frente ficava a tribuna da imprensa, onde estavam representados quasi todos os jornaes d'esta cidade e de Braga. No grande côro do templo e em tribunas supplementares viam-se diferentes seminarios e representações de collegios.

A officialidade da guarnição da cidade, bem como o professorado do Seminario e do Lyceu tinham bancadas especiaes. Todo o templo regorgitava de damas e cavalheiros de distincção, vendo-se o clero tambem numerosamente representado.

Pouco depois das duas horas da tarde entraram no salão os Ex.<sup>mos</sup> Prelados. Tomou a presidencia o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo Primaz, tendo á sua direita os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Arcebispos de Evora, Bispo da Guarda, Bispo Conde e Bispo do Porto e os srs. governador civil, D. Thomaz de Villena, dr. Gaspar Malheirc, secretario geral do governo civil, dr. Luiz Maria da Silva Ramos, dr. Francisco José de Souza Gomes, Antonio Garcia Ribeiro de Vasconcellos, Oliveira Guimarães, lentes da Universidade de Coimbra, engenheiro José Fernando de Souza (Nemo), tenente Macedo Chaves, ajudante e representante do sr. commandante da brigada e Antonio José Marques Gomes, presidente da camara de Braga. A' esquerda, os Ex.<sup>mos</sup> Bispos de Portalegre, Vizeu, Bragança, Lamego e Mgr. Domingos José de Souza.

Era imponentissimo o aspecto da tribuna. O conjunto das fardas com as capas prelaticias e as murças dos lentes era simplesmente deslumbrante.

Apenas os Prelados se apresentaram na tribuna, uma unisona e vibrante salva de palmas echoou por todo o salão. Começou então a academia que foi aberta pelo Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo de Braga, que preferiu um brilhantissimo discurso.

Seguiram depois no uso da palavra os seguintes oradores: Rev.<sup>mo</sup> Bispo do Porto, dr. Luiz Maria da Silva Ramos, José Fernando de Souza (Nemo) e dr. Souza Gomes, discursando de novo o Snr. Arcebispo de Braga para encerramento da sessão.

Todos os illustres e distincto oradores foram alvo dos mais vivos applausos.

—A procissão do Terço, devido ao mau tempo, ficou adiada para o dia seguinte.

#### No dia 11 (sabbado)

Durante a noite foi extraordinaria a concorrencia de povo á adoração nocturna na igreja da Sé. A's 6 horas da manhã teve logar a communhão geral.

A's 9 horas da manhã já se achavam na Sé milhares de pessoas para assistirem á

##### Missa de Pontifical

Uma força de infantaria n.<sup>o</sup> 8 fazia á porta do templo a guarda d'honra. A'quella hora principiaram a entrar os Ex.<sup>mos</sup> Bispos e auctoridades. Segundo o Ritual, o Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo Primaz foi paramentar-se de Pontifical á capella de S. Geraldo, sahindo para a capella-mór da Sé debaixo do pallio, indo á frente o clero. Principiou em seguida a missa. Eram 10 horas da manhã. O Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Snr. Arcebispo tinha por acolytos, os assistentes, e ministros do baculo e mitra, os Rev.<sup>mos</sup> Conegos Lima, Villala, Simões Rodrigues, Deão e Vaz. A's lavandas foram os rev. Mgr. Mariz, dr. Silva Vianna e dr. Martins Peixoto. Serviram de mestres de ceremonias os rev. Padre Luiz Gomes e Padre José Geraldo.

Era admiravel o aspecto do vastissimo templo da Sé. Milhares de pessoas de todas as classes sociais enchiam por completo o templo. Na capella-mór do lado do Evangelho estavam os Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Snrs. Arcebispo de Portalegre, Arcebispo de Mytilene, Bispo de Vizeu e de Lamego; do lado da Epistola, os Bispos do Algarve, Arcebispo-Bispo da Guarda, Bispo-Conde, Bispo de Bragança e Bispo do Porto, Mgr. Santos Viegas, Mgr. Jeronymo do Amaral, e Mgr. Domingos José de Sousa.

Na missa solemne, o canto, segundo o *Motu proprio* de Pio X, emfim, a musica religiosa, acompanhada a orgão, foi bellamente desempenhada. Regem o rev. Miguel Jureco, mestre de musica do Collegio dos Orphãos de S. Caetano. Tocou o orgão o rev. José Concina, mestre de musica das Officinas de S. José, da Lisboa. O canto foi muito apreciado. Não se póle exigir mais dos seus regentes e executantes. O côro era composto de 100 vozes. Estavam no côro cantores de Braga, Guimarães, Vianna, Tuy, Ratts e outras localidades, e varios alumnos do Seminario de Santo Antonio e do Collegio de S. Caetano

#### Discurso do snr. Arcebispo d'Evora

Na nave do lado direito da Sé levantou-se um pulpito, por baixo d'um corêto, e foi d'alli que f-z o seu brilhante sermão o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Arcebispo d'Evora.

O sermão foi uma maravilha, quer pela fôrma, quer pela doutrina e pela erudição do egregio orador.

A palavra do inclito Prelado, sempre facil, sempre elegante, sempre de uma correcção bellissima, cauçou em todos os presentes a mais profunda impressão.

### Chegada do Nuncio

Depois de acabada a Missa de Pontifical, todos os Ex.<sup>mos</sup> Bispos e convidados se dirigiram para a estação afim de receberem o Snr. Nuncio Apostolico, que chegou eram duas horas da tarde. Na gare fazia a guarda d'honra uma força de infantaria n.º 8 com a respectiva banda, e fóra da estação achava-se postada uma força de cavallaria. A multidão era compacta, tanto na gare como no largo fronteiro á estação, estendendo-se pelas ruas até á igreja da Sé. Logo que o comboio entrou nas agulhas, subiu ao ar uma enorme girandola de foguetes e as musicas romperam com o hymno nacional. Todos os Ex.<sup>mos</sup> Bispos se dirigiram ao salão onde ia installado o Sr. Nuncio, acompanhando-o d'alli á sala de espera. N'esta sala recebeu Sua Rev.<sup>ma</sup> os cumprimentos de todos os convidados que foram apresentados pelo sr. governador civil.

Em seguida foi organizado um cortejo que seguiu em direcção á Sé, onde se celebrou *Te-Deum*, dirigindo-se depois para o Paço.

Ao descer do comboio, foram levantados entusiasticos vivas ao Sr. Nuncio, á religião catholica, ao reinado de Christo, etc., delirantemente correspondidos pela grande massa de povo que se apinhava na gare.

—A's 8 horas da noite realisou-se a grandiosa

### Procição do Terço

Espectaculo imponente e commovedor. Cerca de 30:000 pessoas de vélas accezas se encorporaram na procição cantando a *Ave Maria* com extrema piedade e devoção. Nas ruas o povo acotovela-se para vêr desfilar esse immenso prestito de surprehendente effeito.

Abria a procição um piquete de cavallaria e ia por sua ordem o estandarte da Senhora da Torre, Collegio de S. Thomaz d'Aquino, musica dos seminaristas internos, Seminaristas externos, Seminario, alumnos do Lyceu de Guimarães, grande grupo de populares, grande grupo de senhoras, musicas differentes, grupo das filhas de Maria, grupo de populares, andor de Nossa Senhora da Torre, um grupo de populares, sem velas, de cerca de 1:000 pessoas.

A's 11 horas da noite chegava esta immensa multidão ao largo do Seminario. E' n'este local que se ergue a historica torre onde se venera a milagrosa imagem da protectora da cidade

Chegada junto á torre (illuminada artisticamente a luz electrica) foi reposta no seu altar, levantado ao cimo d'ella.

N'este tempo abriu-se a porta da capellinha que dá para o largo e na varanda appareceu o Padre Benevenuto de Souza, encarregado de fazer uma allocução.

A multidão rompeu com entusiasticos vivas e prolongadas palmas. O rev. Padre Benevenuto começou o seu discurso. O orador pediu que se fizesse uma profissão publica da fé catholica, dizendo todos, em voz alta e de braços abertos, o Credo.

Elle foi o primeiro a abri-los; a multidão seguiu-lhe o exemplo, e todos gritaram, n'um unisono magestoso: *Creio em Deus Padre!*

O orador terminou, louvando a Deus e á SS. Virgem pelo que se passava, gritando:

*Viva Nosso Senhor Jesus Christo, nosso Rei!*

*Viva a Immaculata Conceição, nossa Rainha!*

### No dia 12 (domingo)

#### A peregrinação

Era a peregrinação ao Sameiro um dos numeros mais importantes do programma das festas jubilaes. Desde as primeiras horas da madrugada que um verdadeiro formigueiro de povo se dirigia ao Sameiro, para ali aguardarem

a grandiosa peregrinação. Das estradas convergentes a Braga era um chegar continuo de forasteiros em carros, a pé, em grandes ranchos, vindo assim engrossar mais e mais a já numerosa multidão que regorgitava pelas ruas.

A's 7 horas da manhã pôz-se em marcha a imponentissima peregrinação.

Vimos ali representadas todas as associações religiosas do paiz; Circulos Catholicos e suas respectivas associações annexas, Collegios, Apostolados da Oração e do Coração de Jesus, Congregações e Filhas de Maria, Seminaristas, grupos de academicos, diversas musicas e a rematar um grupo de estudantes conduzindo a riquissima corôa da SS. Virgem do Sameiro. Ladeava este grupo uma guarda d'honra de infantaria 8. Esta grande deputação era presidida pelo ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Souza Gomes, lente da Universidade de Coimbra, que ia de murça e capêllo.

Seguia logo S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Sr. Arcebispo Primaz, entoando o terço com todas as auctoridades e dignidades ecclesiasticas, Conegos da Patriarchal de Lisboa e de Braga. Vinha depois o Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Thomaz de Vilhena, digno Governador Civil de Braga, a Camara Municipal, a commissão dos festejos, e auctoridades militares e civis.

Do alto do Bom Jesus era maravilhoso contemplar esse enormissimo cortejo, caminhando com todo o respeito, sem a mais leve e insignificante alteração da ordem. Chegado ao Bom Jesus juntou-se-lhe mais o immenso povo que ali o aguardava e lá seguiu essa verdadeira avalanche de povo para o Sameiro, onde chegou ao meio dia, pouco mais ou menos.

Era já extraordinaria a agglomeração do povo quando a peregrinação chegou á vastissima esplanada onde se tinha levantado, n'uma elegante tribuna, o altar da Virgem, um pouco abaixo do santuario.

Chegada a Corôa, foi collocada no altar. N'este momento chega tambem e Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha, sendo-lhe levantados vivas que foram entusiasticamente correspondidos.

Eram 12,25 quando S. Em.<sup>a</sup> começou a missa. Pouco depois o rev.<sup>mo</sup> Padre Luiz Cabral, de Campolide, entoava o Terço, acompanhado por todos os assistentes. A missa terminou eram 12,50. Foram calculados em 300.000 o numero de pessoas ali reunidas.

Em roda da tribuna, enquanto esperavam, foi rezado o Terço e entoada a «Virgem Pura» e a «Avé Maria».

Pela 1,30 da tarde tinham chegado os Ex.<sup>mos</sup> Bispos. S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Nuncio tomou logar em frente do altar, sendo ladeado pelos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Cardeal Patriarcha, Arcebispo de Braga, Arcebispo-Bispo de Evora, Bispo do Porto, Arcebispo-Bispo da Guarda, Bispo de Bragança, Bispo-Conde, Bispo de Portalegre, Bispo de Beja, Bispo de Lamego, Arcebispo de Mytilene, Arcebispo-Bispo do Algarve e Bispo de Vizeu.

A' frente da tribuna o mestre de ceremonias rev. Luiz Gomes começa a lêr a copia da petição que o Ex.<sup>mo</sup> Arcebispo de Braga enviou ao Santissimo Padre Pio X para mandar um delegado seu coroar a Santissima Virgem.

Acabada de lêr a petição, foi lido o rescripto pontificio em que se concede o pedido e nomeia S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Nuncio Apostolico para representar Sua Santidade n'esta cerimonia. Em seguida S. Ex.<sup>a</sup> o Sr. Bispo Conde adeanta-se para a frente da tribuna e dá principio á sua oração de saudeção á Virgem.

Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Bispo Conde terminou o seu extenso discurso levantando vivas á Virgem Santissima e a Pio X, largamente correspondidos. Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Nuncio então entôa a *Regina Cæli*, e, acabada, toma em suas mãos a Corôa e sobe a escada para ir coroar a Rainha dos Anjos.

Apenas Sua Ex.<sup>a</sup> colloca a Corôa na cabeça da Virgem, uma estrondosa aclamação resôa de todas os lados e por

todo o immenso acampamento. Estrondosas girandolas de foguetes annunciam que se tinha feito a coroação.

Por alguns momentos essas 300.000 pessoas acclamam a Virgem n'um vibrante e unisono arrebatamento. As saudações e vivas multiplicam-se n'um ardor de febril enthusiasmo.

Logo que Sua Ex.<sup>a</sup> desceu, veio á frente do altar entoar o *Te Deum*. Recitado por todos os Ex.<sup>mos</sup> Bispos e clero ali presente o *Te Deum*, tratou-se de organizar o cortejo para conduzir a SS. Virgem para o Santuario. A' frente marchava todo o clero ali presente, precedido pelos Ex.<sup>mos</sup> Bispos e Sua Ex.<sup>a</sup> o Sr. Nuncio Apostolico. A seguir, um grupo de ecclesiasticos, com o rev.<sup>mo</sup> Padre Maciel, entoava a «Virgem Pura» e «Avé Maria», canticos que eram correspondidos pelo povo, que abria alas ao cortejo. Seguiu-se então a confraria do Sameiro e o andor da SS. Virgem, conduzido por oito irmãos da confraria. Assim deu entrada no templo o cortejo.

Depois da SS. Virgem estar collocada no respectivo logar, foram levantados calorosos vivas, que se tornaram communicativos á multidão que enchia o vasto recinto exterior da igreja.

O Sr. Nuncio foi desparamentado no altar mór e ali deu beija-mão durante algum tempo. Os Ex.<sup>mos</sup> Bispos foram para a sacristia desparamentar-se, e assim acabou a grande cerimonia. Eram 3,30 da tarde.

Era d'uma belleza sem igual o effeito das diversas corporações, serpenteando pelos atalhos do Sameiro em direcção ao Bom Jesus.

### A grande procissão

A grande procissão seguiu a ordem do programma annunciado, faltando-lhe apenas a conducção da Corôa d'ouro.

Era imponentissima. Abria o prestito seis cavallarias da Guarda Municipal. A seguir ia o magestoso carro triumphal que despertou grande interesse.

Após o carro triumphal, iam os alumnos do Collegio do Espirito Santo, acompanhados da banda de musica da Real Officina de S. José, cantando o hymno do Sameiro.

Os numerosos grupos de anjos e figuras allegoricas, ricamente vestidas, eram d'uma extrema belleza. Sob o pallio conduzia o SS. Sacramento o Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha, acolytado pelos revs. drs. Martins Peixoto e Cunha Brandão. Atraz do pallio seguiam os Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Srs. Arcebispo Primaz, Arcebispos-Bispos de Portalegre, Algarve e Guarda, Arcebispo de Mytilene e Bispos de Bragança, Vizen, do Porto e de Lamego, Arcebispo d'Evora e Bispo-Conde.

Seguiam-se depois os srs. governador civil, visconde da Torre, camara municipal, officialidade de infantaria n.º 8, funcionarios publicos, etc. Fechava o prestito uma força de infantaria n.º 8, sob o commando do sr. major Braga. A benção solemne do SS. Sacramento foi dada no cruzeiro do largo de D. Pedro V pelo Em.<sup>mo</sup> Cardeal Patriarcha.

Apenas começou a entoar-se o *Tantum ergo*, a grande massa de povo que estava n'aquelle largo para vêr a procissão, e outra, que corria das ruas adjacentes, ajoelhou reverentemente, não se ouvindo o mais leve sussurro.

### As illuminações

Excederam toda a expectativa as grandiosas illuminações.

A frontaria da Arcada, Campo de Ssnt'Anna, Arco da Porta Nova, rua do Souto, rua Nova de Souza, largo do Paço, rua Rodrigues de Carvalho, Praça do barão de S. Martinho, largo da Lapa, Cruzeiro de Nossa Senhora a Branca estavam d'um effeito surprehendente.

Pelas ruas transitou sempre uma multidão compacta de povo.

### No dia 13 (Segunda feira)

A's 11 horas da manhã teve logar a

### Academia litterario-musical

na igreja do Seminario promovida pela mocidade catholica.

Devia presidir á sessão o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Arcebispo de Braga; mas como o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Nuncio Apostolico partiu no comboio das 11 horas para o Porto, afim de seguir para Lisboa, o illustre Prelado bracarense não pôde presidir, ficando a sua cadeira vaga. Honraram, porém, esta academia com a sua presença os Ex.<sup>mos</sup> e Rev.<sup>mos</sup> Srs. Arcebispos d'Evora, Arcebispo-Bispo do Algarve, Arcebispo-Bispo da Guarda, Arcebispo Bispo de Portalegre, Bispo de Vizen, Bispo de Bragança, Arcebispo de Mytilene e Bispo de Lamego.

Apenas os venerandos Prelados tomaram assento nas cadeiras, que lhes estavam destinadas, os alumnos dos Collegios de Campolide e de S. Fiel executaram, a musica e vozes, o hymno da peregrinação, do Padre José Saavedra. Tocaram juntas o hymno as duas bandas d'aquelles acreditadissimos Collegios, regendo a musica e os côros o rev.<sup>mo</sup> sr. dr. Antonio de Menezes, illustrado professor do Collegio de S. Fiel.

O programma foi executado com toda a correcção, levantando a numerosissima assemblêa n'um fremito d'enthusiasmo.

Todos os oradores e os restantes interpretes da academia foram delirantemente applaudidos.

A academia terminou com entusiasticos vivas á Immaculada Conceição, aos Collegios de Campolide, de S. Fiel e do Espirito Santo, a Pio X e á juventude catholica portugueza.

Por ultimo, o rev.<sup>mo</sup> sr. Padre Luiz Cabral levantou vivas ao episcopado portuguez e ao sr. governador civil de Braga, que foram entusiasticamente correspondidos.

Foi uma festa imponente e brilhantissima que fechou com chave d'ouro os grandiosos festejos á Immaculada Conceição.

Assim terminaram as grandiosas festas de Braga. Tão extraordinarias manifestações religiosas calaram bem fundo em todos os corações e indelevelmente ficarão gravadas em caracteres de ouro nos fastos da Igreja lusitana. Agora, abençoados por Maria Santissima que maternalmente acolhera a humilde offerenda de seus filhos, cumpre-nos colher as graças que Ella sobre nós derramará a flux.

### BIBLIOGRAPHIA

● **Evangelho**, explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus Christo, pelo Padre Dehaut.

Acabamos de receber o 4.º fasciculo d'esta importantissima obra do douto conego Dehaut, magistralmente traduzida pelo Rev.<sup>mo</sup> Padre Gomes Pereira, distincto professor do Lyceu Central do Porto.

O presente fasciculo começa já com a I parte da obra: *Historia da Infancia de N. S. Jesus Christo*, apresentando nos os artigos sobre o *Prefacio historiographo de S. Lucas*, o do *Anjo Gabriel annunciando o Nascimento do Precursor*, e o do mesmo *Anjo annunciando á Virgem sua maternidade divina*. E segundo o programma prenoticiado, cada um d'estes artigos comprehende o texto com seu respectivo «commentario exegetico», e depois «ensinos

praticos», «planos homileticos» e «polemica racionalista», constituindo esta a parte apologetica da obra.

Não menos apreciaveis são abaixo as notas etymologicas, historicas, e geographicas, que frequentemente elucida algumas passagens obscuras do texto.

Assigna-se no escriptorio da empresa editora, rua das Flores, 42-1.º—Porto—Preço de cada fasciculo 100 reis.

—**Collecção «Sciencia e Religião»**—Opusculos mensaes de 100 paginas sob a direcção de Gomes dos Santos—Livraria Povoense Editora de José Pereira de Castro—Pova de Varzim.

Recebemos o primeiro folheto intitulado *Sciencia e Religião* do notavel publicista francez—Fernando Brunetiere. A absoluta falta de espaço inibe-nos agora de fallar detidamente d'esta obra e da nova bibliotheca catholica, arrojada iniciativa da Livraria Povoense do nosso amigo sr. Castro, o que faremos no proximo numero. Desde já chamamos a attenção para os seus prospectos que distribuímos em supplemento.

**ANNUNCIOS**

**IMITAÇÃO DE CRISTO**

*Novissima edição confrontada com o texto latino e ampliada com notas por*

MONSENHOR MANUEL MARINHO

*Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr.*

D. ANTONO, BSPO DO PORTO

**Preços:**

Em percalina . . . . .	300 reis
Em carneira com folhas douradas. . . . .	500 "
Em chagrín, douradas . . . . .	1\$000 "

**Todos os pedidos acompanhados da sua respectiva importancia devem ser dirigidos ao editor José Fructuoso da Fonseca—R. da Picaria, 74—PORTO.**

**A ALMA**

NO

**CALVARIO**

CONSIDERANDO

*Os soffrimentos de Jesus Christo e achando ao pé da Cruz a consolação para as suas penas*

COM

ORAÇÕES, PRATICAS E HISTORIAS SOBRE DIVERSOS ASSUMPTOS

PELO

P. BRAUDAND, S. J.

TRADUZIDA DO FRANCEZ

POR

A. L. F.

*Approvada e indulgenciada pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio, Bispo do Porto*

Um volume de perto de 400 pag. . . . .	<b>300</b> reis
Encadernado . . . . .	<b>500</b> "

A' venda na Livraria de Antonio José Fernandes—44, Largo dos Loyos, 45—e na Typographia Fonseca—Rua da Picaria, 74—Porto.

**Sermão do Enterro**

PRIMEIRO ENSAIO ORATORIO

DO

ABALISADO E SAUDOSO

José dos Santos Monteiro

BACHAREL EM THEOLOGIA E FORMADO EM DIREITO PELA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, ANTIGO PROFESSOR DO SEMINARIO DE LAMEGO E PRIOR DE VILLA DO CONDE

*Approvado pelo Ex.º e Rev.º Sr. D. Antonio Barroso Bispo do Porto*

Preço . . . . . 100

**ORAÇÃO**

A

**IMMACULADA CONCEIÇÃO**

Para ser recitada durante o seu jubileu 1903-1904

APPROVADA E INDULGENCIADA

(Tradução official)

Preço—Por um exemplar. . . . . 10 reis

**Vade-Mecum**

**do Seminarista**

(Tradução livre)

Preço . . . . . 200 réis

**Cartas Encyclicas de Sua Santidade Leão XIII—** 5 vol. Broch. 1\$300. Enc. . . . . 2\$100

**Bernardette**—Soror Maria-Bernarda, por Henrique Lassereau Vertido da vigesima-segunda edição franceza por A. Peixoto de Amaral. 4 vol. broch . . . . . 400

**Oração funebre** do Ex.º e Rev.º Sr. Dr. João Rebello Cardoso de Menezes, Arcebispo titular de Larissa, Coadjutor e futuro successor de Lamego, recitada nas solemnes exequias celebrada na egreja do Seminario conciliar de Braga no dia 10 de julho de 1890, Preço. . . . . 250

**A Confissão Sacramental**—Pelo Ex.º Sr. Padre Manuel Marinho—Com approvaçao do Ex.º Cardeal Bispo do Porto—1 vol., broch. . . . . 250

**Defesa** da creença catholica—(refutação das «Lendas Christãs» pelo sr. Theophilo Braga) por João Manuel de Abreu. . . . . 500

**Sorrisos d'um velho**—A verdade a rir—O erro chorando—Com approvaçao do Em.º Sr. Cardeal Bispo do Porto—Pelo Ex.º Sr. Dr. José Rodrigues Cosgaya—1 vol. Broch. . . . . 400

**Formula** de consagração ao Sagrado Coração de Jesus. Prescripto pelo Santo Padre Leão XIII na Encyclica de 25 de maio de 1899—Tradução approvada pelo Ex.º e Rev.º Sr. Dr. Coelho da Silva, Vigario Capitular. Cada exemplar . . . . . 10

**Jesus Vivo no Padre**—considerações sobre a excellencia e santidade do sacerdocio, pelo Rev. Padre Millet, da Companhia de Jesus, Versão da 3.ª edição franceza, pelo Rev. Padre M. M. de Almeida—Com approvaçao e recommendação dos Prelados portuguezes. — Um grosso vol., broch., 700, enc. . . . . 900

**José Joaquim d'Oliveira**

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

*Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887, Industrial de Lisboa de 1888 e Universal de Paris de 1889*

Fabrica de lamascos de sêda e ouro, lisos e lavrado; paramentos para egreja; galões e franjas d'ouro fino e falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familiãs Reaes Portuguezas.